

REVISTA ATIVISMO

#RESPECTRO

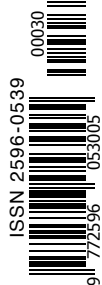
Ano XI - Nº 30 - SET/OUT/NOV.2025

**Novo estudo genético
revela 4 subtipos
de autismo**

**O tênis como
ferramenta
de inclusão**

**Autismo e transtorno
de personalidade**

**Quem
cuida
de quem
cuida?**



ISSN 2596-0539

00030

9 772596 11 053005 1

Exemplar de
Assinatura / Distribuição

VENDA PROIBIDA

A woman with dark hair is shown in profile, looking upwards and to the right with a slight smile. She is wearing large, white, over-ear headphones. The background is a solid, muted purple color.

Mais no

Além do app,
agora temos o
Saúde no Espectro.



saúde espectro* com a tismoo

* e outras condições ligadas ao neurodesenvolvimento, como a Síndrome de Rett, CDKL5, Síndrome de Timothy, Síndrome do X-Frágil, Síndrome de Angelman, Síndrome de Phelan-McDermid, entre outras neurodivergências.

***Cuidado especializado
para quem você ama.***

Na Tismoo, desenvolvemos a **primeira linha de cuidado coordenado** dedicada exclusivamente à **saúde digital para pessoas autistas e neurodivergentes**.

Nossa **equipe multiprofissional** acolhe, orienta e acompanha toda a família, oferecendo um cuidado contínuo, próximo e mais humano..

Mais leveza. Mais segurança.
Mais saúde no dia a dia.



SAIBA MAIS

Índice

Colunas

Matraquinha

12

Trabalho no espectro

48

Tudo o que podemos ser

50

Sessões

O que é autismo?

08

O que é a Revista Autismo?

09

HQ - André e a
Turma da Mônica

10

Canal Autismo

29

Reportagem de Capa

18

Quem cuida de quem cuida?

Reportagens e artigos

Quatro subtipos de autismo &
mais precisão em diagnósticos

22

O tênis como ferramenta
de inclusão

14

Orgulho autista é resistência

26

Sonhos que pedem apoio

40

Autismo e transtorno
de personalidade

44

Leia este QR-code
com seu celular e
acesse a versão
online desta edição
com conteúdo extra.



EXPEDIENTE - Revista Autismo

Ano XI — número 30

Setembro de 2025

ISSN: 2596-0539

Venda avulsa proibida

Periodicidade trimestral

Tiragem deste número: 10.000 exemplares

Revista Autismo é uma publicação de circulação nacional fundada em 2010 com o objetivo de levar informação de qualidade, isenta e imparcial. A respeito de autismo, é a primeira revista periódica da América Latina, além de ser a primeira do mundo em língua portuguesa.

Editor-chefe e jornalista responsável:

Francisco Paiva Junior - MTb: 33.245
editor@RevistaAutismo.com.br

Direção de arte e design:

Alexandre Beraldo
xberaldo@gmail.com

Revisão e Traduções:

Márcia F. Lombo Machado
marciaflm@gmail.com

Consultores científicos:

Alysson R. Muotri e Diogo V. Lovato

Arte da Capa:

Alexandre Beraldo

Colaboradores deste número:

Beatriz Raposo, Camila Alli Chair, Carmen Dalida, Cindy Dalfovo, Fábio Sousa ("Tio Faso"), Fernanda Barbi Brock, Lucas Ksenhuk, Marcelo Vitoriano, Maurício de Sousa, Nícolas Brito Sales, Roseli Claro, Samanta Paiva, Samyra Oliveira, Tiago Abreu, Wagner Yamuto.

Impressão:

MaisType

Patrocinadores:

Biosintética, Clínica Somar, Matraquinha, Montando um Time, PECS-Brasil.

Apoiadores logísticos:

Jamef Transportes e Azul Cargo

Para nos patrocinar:

comercial@RevistaAutismo.com.br

Para nos apoiar:

CanalAutismo.com.br/apoie

Redação:

redacao@RevistaAutismo.com.br

Assinaturas:

CanalAutismo.com.br/assine

Site:

CanalAutismo.com.br/revista

Hospedagem do site patrocinada:

Hostnet — hostnet.com.br

Banco de imagens:

Depositphotos

Redes sociais:

Facebook: fb.com/RevistaAutismo

Instagram: @RevistaAutismo

X/Twitter: @RevistaAutismo

YouTube: youtube.com/@RevistaAutismo

LinkedIn: linkedin.com/company/RevistaAutismo

Versão em PDF: CanalAutismo.com.br/revista

Editado por: Revista Autismo

R. Bela Cintra, 336 - cj. 74-A, Consolação

São Paulo (SP), CEP 01415-000

CNPJ: 30.894.955/0001-09

Os artigos assinados não representam necessariamente a opinião da Revista Autismo e seus editores.

Editorial

Quem cuida de quem cuida? Essa é a pergunta que guia nossa reportagem de capa, assinada pelo jornalista Tiago Abreu, dedicada à saúde mental dos cuidadores de pessoas autistas. Em sua imensa maioria, são mães que assumem quase integralmente a responsabilidade pelo cuidado diário, sobretudo quando se trata de filhos autistas em nível 3 de suporte, que exigem atenção constante, acompanhamento especializado e uma dedicação que ultrapassa jornadas extenuantes. Muitas vezes, essas mulheres se veem sem rede de apoio, sobrecarregadas física e emocionalmente, invisíveis para a sociedade e para as políticas públicas. Ouvir suas vozes e olhar para suas necessidades é reconhecer que o cuidado não pode ser um caminho solitário.

Neste setembro, além desse debate tão urgente, celebramos também um marco: os 15 anos da Revista Autismo. Foi em setembro de 2010 que lançamos a edição número zero, um gesto pequeno diante do que ainda não se falava sobre autismo no Brasil, mas que

deu início a uma trajetória contínua de formação e conscientização. Quinze anos depois, olhamos para trás com gratidão e para frente com a certeza de que ainda há muito a ser feito, lado a lado com a comunidade autista e suas famílias.

Nesta edição, convidamos você a conhecer um estudo inédito, publicado na revista Nature Genetics, que identificou quatro subtipos distintos dentro do espectro do autismo e abriu caminho para diagnósticos mais precisos e tratamentos mais adequados. Também publicamos um artigo do psiquiatra Thiago Cabral sobre as intersecções entre autismo e transtornos de personalidade, tema que vem ganhando espaço no meio científico e clínico. E ainda, em nossa parceria com a Turma da Mônica, trazemos a HQ "Festa no Silêncio", em que André mostra como enfrenta a hipersensibilidade sensorial em uma festa de aniversário.

Que esta edição seja mais um convite à reflexão, ao aprendizado e ao acolhimento. Boa leitura!

FRANCISCO PAIVA JR.

Francisco Paiva Junior, editor-chefe da Revista Autismo, é jornalista, pós-graduado em jornalismo e segmentação editorial, autor do livro "Autismo — Não espere, aja logo!" (editora M.Books) e pai do Giovani, de 18 anos, que tem autismo e sabe tudo sobre super-heróis e zumbis, e da Samanta, de 16 anos, que tem chulé e é exímia desenhista.



NOTA DO EDITOR

Você pode reproduzir nossos textos e artigos sem prévia autorização, livremente, desde que cite a fonte (Revista Autismo) e o autor — em sites, faça um link para a versão online do conteúdo. Apenas para uso comercial, é necessário solicitar autorização, escrevendo para editor@RevistaAutismo.com.br. Para sugerir pautas e temas de reportagens, envie mensagem para o mesmo email citado acima.

Como citar artigos publicados nesta revista (padrão ABNT):

AUTOR. Título do artigo ou da matéria, subtítulo. **Revista Autismo**, São Paulo, ano da revista, número da edição, páginas inicial-final, mês ano de publicação.

Exemplo: MUOTRI, A.. Minicérebros humanos, um novo modelo experimental para o estudo do TEA. **Revista Autismo**, São Paulo, ano V, n. 4, p. 44-46, mar. 2019.

Nossos Canais

Acompanhe nossas redes sociais e compartilhe. Nós postamos sempre informação de qualidade, com fontes seguras. Siga nossos perfis, deixe seu comentário e interaja com os demais leitores. Se quiser nos enviar uma sugestão de pauta, envie para nós um email (veja nesta página ou no expediente).



[instagram.com/RevistaAutismo](https://www.instagram.com/RevistaAutismo)



[fb.com/RevistaAutismo](https://www.facebook.com/RevistaAutismo)



twitter.com/RevistaAutismo



[youtube.com/user/RevistaAutismo](https://www.youtube.com/user/RevistaAutismo)



[linkedin.com/company/RevistaAutismo](https://www.linkedin.com/company/RevistaAutismo)



[threads.net/@RevistaAutismo](https://www.threads.net/@RevistaAutismo)

Quem
colabrou
nesta edição

#RESPECTRO



ALYSSON MUOTRI
neurocientista



CINDY DALFOVO
educadora



THIAGO CABRAL
psiquiatra



MARCELO MARIANO
psicólogo



WAGNER YAMUTO
empreendedor



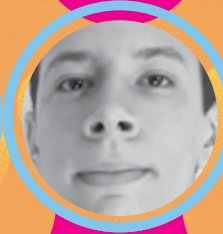
MARCIA MACHADO
arquiteta



ROSELI CLARO
atendente



TIAGO ABREU
jornalista



NICOLAS BRITO SALES
fotógrafo

Apoie este projeto:
[CanalAutismo.com.br/apoie](https://canalautismo.com.br/apoie)

Assine e receba em casa
[CanalAutismo.com.br/assine](https://canalautismo.com.br/assine)

Baixe grátis as edições anteriores:
[CanalAutismo.com.br/Revista](https://canalautismo.com.br/Revista)

Fale conosco:
redacao@RevistaAutismo.com.br

Artistas que ilustraram esta edição



**LUCAS
KSENHUK**

Artista plástico, 21 anos, autista, sua obra sempre está nas principais exposições de rua de SP.

■ lucasksenhuk.com
■ @lucasksenhuk.art/



**CAMILA ALI
CHAIR**

Paulistana, formada em animação e biologia, ilustra livros e artigos paleontológicos, desde criança fascinada por dinossauros e paleoartes.

■ deviantart.com/freakyraptor
■ @camila_alli



**BIA
RAPOSO**

Artista visual, professora e provocadora cultural. Ilustra a coluna "matraquinha" desde a primeira vez que a leu.

■ @biabiaraposo



**QUER
ILUSTRAR?**

Quer ter uma ilustração publicada na **Revista Autismo**?

Leia as instruções no rodapé desta página.



**SAMYRA
OLIVEIRA**

Estudante, nascida em 2008, desenha desde sempre, mas começou a investir mais na área aos 9 anos. Passa a maior parte do tempo desenhando ou abrindo insetos.



**MAURICIO
DE SOUSA**

Desenhista, pai da Turma da Mônica, colabora com a Revista Autismo desde o início de 2019, através do Instituto Mauricio de Sousa.

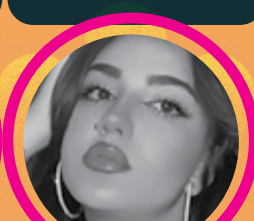
■ @institutomauriciodesousa
■ @turmadamonica



**ALEXANDRE
BERALDO**

Designer de formação, músico e grafiteiro por paixão, pai do Caetano e editor de arte desta revista linda.

■ @xandeberaldo



**SAMANTA
PAIVA**

Estudante, irmã de autista, filha do editor da revista, desenha nos tempos livres, cria o tempo todo, tem 15 anos, é fã do filme Black Phone e da série Stranger Things



**FERNANDA
BARBI BROCK**

Autista, ilustradora, possui título de licenciatura em educação artística (hab. artes plásticas) e designer de moda.

■ @fer.barbi.brock



**CARMEN
DALIDA**

Carmem Dalida é autista e possui altas habilidades/superdotação. Dançarina, escritora, filósofa e desenhista, dedica-se às artes e à incessante busca do saber.

■ @carmem.dalida



**FÁBIO SOUSA
(TIO .FASO)**

Designer de formação, ilustrador por paixão, bonequeiro profissional e autista diagnosticado tardiamente.

■ @seeufalarnaosaidireito

Quer colaborar com a Revista Autismo?

Se você é artista e autista, e também quer colaborar com a **Revista Autismo**, envie um email para editor@RevistaAutismo.com.br, se apresentando e mandando um link de seus trabalhos artísticos (pode ser um Instagram ou catálogo digital).

O que é AUTISMO

Saiba a definição do transtorno do espectro do autismo

por **Francisco Paiva Junior**

O autismo — nome técnico oficial: transtorno do espectro do autismo (TEA) — é uma condição de saúde caracterizada por déficit na comunicação social (socialização e comunicação verbal e não verbal) e comportamento (interesse restrito ou hiperfoco e movimentos repetitivos). Não há só um, mas muitos subtipos do transtorno. Tão abrangente que se usa o termo “espectro”, pelos vários níveis de suporte que cada subtipo necessita — há desde pessoas com condições associadas (coocorrências), como deficiência intelectual e epilepsia, até pessoas independentes, que levam uma vida comum. Algumas nem sabem que são autistas, pois jamais tiveram diagnóstico.

As causas do autismo são majoritariamente genéticas. Confirmando estudos recentes anteriores, um trabalho científico de 2019 demonstrou que fatores genéticos são os mais importantes na determinação das causas (estimados entre 97% e 99%, sendo 81% hereditário — e ligados a quase mil genes), além de fatores ambientais intrauterinos (de 1% a 3%) ainda controversos, que também podem estar associados como, por exemplo, a idade paterna avançada ou o uso de ácido valpróico na gravidez. Existem atualmente 1.238 genes já mapeados e implicados como possíveis fatores de risco para o transtorno — sendo 134 genes os principais.

Tratamento e sinais

Alguns sinais de autismo já podem aparecer a partir de um ano e meio de idade, e mesmo antes, em casos mais graves. Há uma grande importância em iniciar o tratamento o quanto antes — mesmo que seja apenas uma suspeita clínica, ainda sem diagnóstico fechado —, pois quanto mais cedo começarem as intervenções, maiores serão as possibilidades de melhorar a qualidade de vida da pessoa. O tratamento psicológico com maior evidência de

eficácia, segundo a Associação Americana de Psiquiatria, é a terapia de intervenção comportamental. O tratamento para autismo é personalizado e interdisciplinar. Além da psicologia, pacientes podem se beneficiar com fonoaudiologia, terapia ocupacional, entre outros, conforme a necessidade de cada autista. Na escola, um mediador pode trazer grandes benefícios no aprendizado e na interação social.

Até agora, não há exames de imagem ou laboratoriais que sejam definitivos para diagnosticar o TEA.

Alguns sintomas podem ser tratados com medicamentos, que devem ser prescritos por um médico.

Em 2007, a ONU declarou todo 2 de abril como o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, quando monumentos e prédios icônicos do mundo todo se iluminam de azul (cor escolhida por haver, em média, 4 homens para cada mulher autista).

O símbolo do autismo é o quebra-cabeça, que denota sua diversidade e complexidade.

O dia 18 de junho é o Dia do Orgulho Autista — representado pelo símbolo da neurodiversidade, o infinito (lemniscata) com o espectro de cores do arco-íris, considerando o autismo como identidade, uma característica da pessoa — celebrada originalmente pela organização britânica Aspies for Freedom (AFF), a partir de 2005.

Consulta médica

Veja a seguir alguns sinais de autismo. Apenas três deles numa criança de um ano e meio já justificam uma consulta a um médico neuropediatra ou a um psiquiatra da infância e da adolescência. Testes como o M-CHAT-R/F (com versão em português) estão disponíveis na internet para serem aplicados por profissionais.

Todas as referências, links e mais informações estão na versão online deste artigo.

As informações a seguir não dispensam a consulta a um médico especialista para o diagnóstico

Sinais do Autismo



Não manter contato visual por mais de 2 segundos;

Não atender quando chamado pelo nome;

Isolar-se ou não se interessar por outras crianças;

Alinhar objetos;

Ser muito preso a rotinas a ponto de entrar em crise;

Não usar brinquedos de forma convencional;

Fazer movimentos repetitivos sem função aparente;

Não falar ou não fazer gestos para mostrar algo;

Repetir frases ou palavras em momentos inadequados, sem a devida função (ecolalia);

Não compartilhar interesse;

Girar objetos sem uma função aparente;

Apresentar interesse restrito por um único assunto (hiperfoco);

Não imitar;

Não brincar de faz-de-conta;

Hipersensibilidade ou hiperreatividade sensorial.

O que é a REVISTA AUTISMO

A **Revista Autismo** é uma publicação gratuita, impressa e digital (acesse pelo QR-Code da página do índice), trimestral, feita por ilustradores, colunistas e jornalistas autistas, além de familiares e especialistas.

É a primeira publicação periódica sobre autismo na América Latina e a primeira do mundo em língua portuguesa nesse tema. Fundada em 2010, a

Revista Autismo segue firme na missão de disseminar informação de qualidade a respeito de autismo e outras condições de saúde relacionadas, com muito profissionalismo, imparcialidade e pluralidade de vozes.

Você pode baixar todas as edições, na íntegra, no nosso site gratuitamente, pode retirar em uma das instituições que distribuem a revista em todos os estados do Brasil, também pode assinar, pagando somente o custo de envio e recebendo a revista impressa em sua casa, além de poder tornar-se um apoiador digital.

Siga-nos nas redes sociais e acompanhe nossa publicação diária de notícias e artigos no site CanalAutismo.com.br.





INSTITUTO
Maurício
DE SOUSA

REVISTA
+ AUTISMO

ANDRÉ em FESTA NO SILÊNCIO

© Instituto Mauricio de Sousa - Brasil / 2025



Quer saber mais sobre autismo?



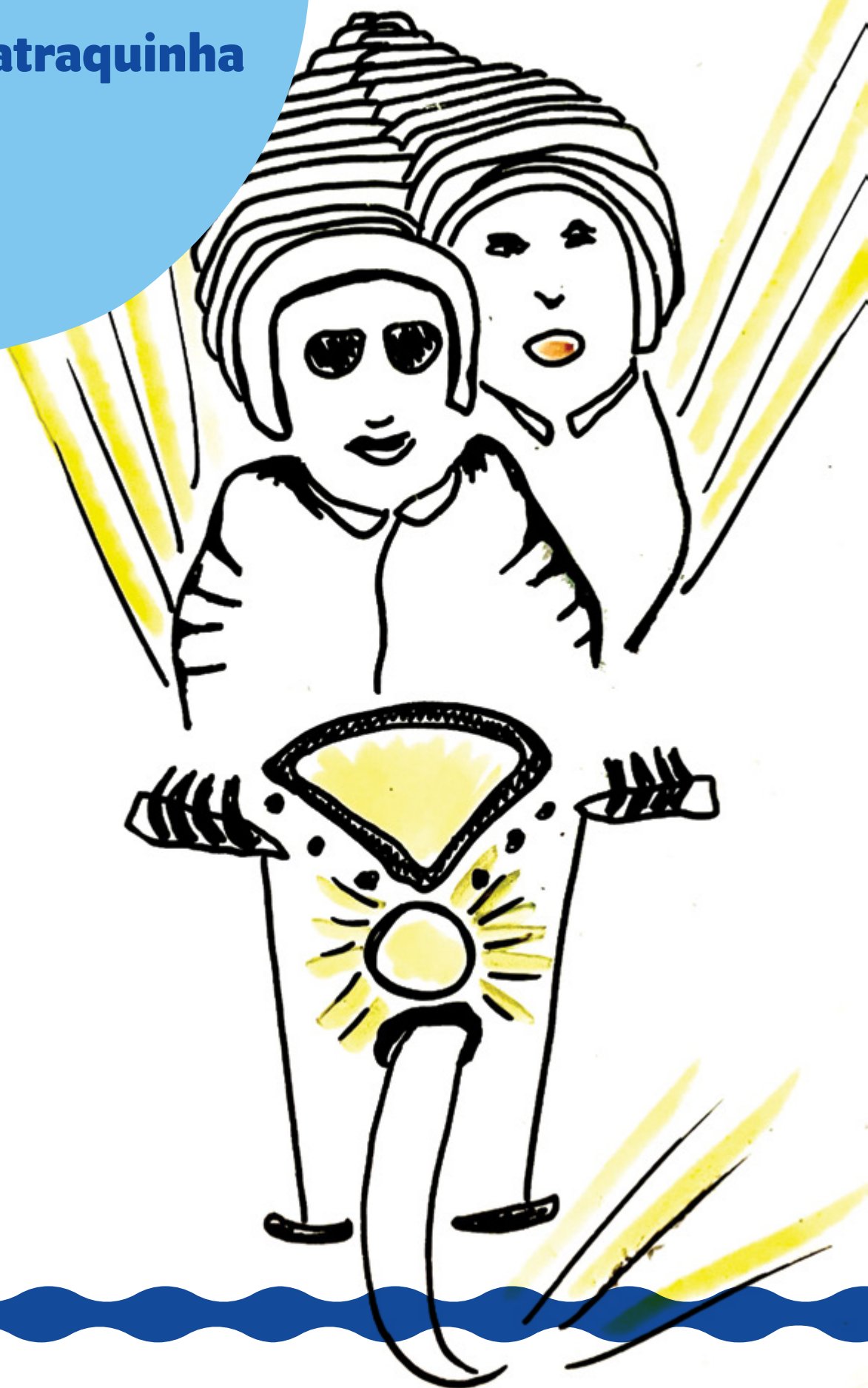
Faça como milhares de pessoas.
Assine já e receba a **Revista Autismo** no seu endereço, pagando somente o frete e apoiando este projeto para alcançarmos mais e mais pessoas.

Assine a revista impressa:
[CanalAutismo.com.br/assine](https://canalautismo.com.br/assine)

Apoie e receba a versão digital:
[CanalAutismo.com.br/apoie](https://canalautismo.com.br/apoie)



Matraquinha





Wagner Yamuto

f [matraquinhaoficial](#)
 @matraquinhaoficial
 v [matraquinha](#)
 e [matraquinha.com.br](#)

é pai do Gabriel (autista) e da Thata, casado com a Grazy Yamuto, fundador do Adoção Brasil, criador do app Matraquinha, autor e um grande sonhador.

Missão Coleta de Sangue: Uma operação digna de cinema

Fazia quase cinco anos que uma missão aparentemente simples nos escapava: coletar sangue do Gabriel.

Mas quando você tem um filho autista, e ainda por cima com pavor real e declarado de agulhas, esse tipo de exame se transforma numa verdadeira operação especial. E assim foi. Literalmente.

Tudo começou com uma preparação digna de filme de espionagem: avisei com antecedência, expliquei os motivos, mandei áudio, escrevi texto, desenhei mapa (ok, talvez não o mapa, mas o resto é verdade). Disse: “Meu filho tem pavor de agulha. Pavor mesmo. Não é drama. Não é birra. É pavor com letras garrafais”. E para minha surpresa: me ouviram!

No dia marcado, chegamos ao laboratório e, para o meu alívio, estava todo mundo preparado. Enfermeiros organizados, ambiente acolhedor – parecia até o bastidor de um show da Beyoncé. Mas, mesmo com toda a estrutura, foram necessários cinco profissionais para a missão acontecer.

Cada um assumiu um papel estratégico:

- Um ficou responsável pelas pernas do Gabriel, fazendo movimentos circulares e pronto para segurar se fosse preciso.

- Dois ficaram encarregados de manter o braço “da coleta” sob controle.

- Um ficou de apoio no outro braço, garantindo equilíbrio.

- E eu? Bom, eu fui promovido a garupa de moto imaginária.

Sentei com o Gabriel na maca e ele se apoiou no meu tronco. Era como se estivéssemos em uma CG 150 rumo ao posto de gasolina mais próximo – só que o combustível ali era coragem.

Demorou. Foram 30 minutos de tentativa, ajuste, carinho, tensão, negociação, riso nervoso e até meme mental (eu juro que ouvi a música de “Missão Impossível” tocando na minha cabeça). Mas, conseguimos.

E sabe o mais curioso? Ninguém saiu machucado. Nem ele, nem eu, nem os cinco enfermeiros, que ao final quase pediram um certificado de missão cumprida.

Esse tipo de vitória parece pequena aos olhos de quem não vive esse universo. Mas para nós, famílias atípicas, é uma conquista que merece comemoração com direito a lanche, suco e, quem sabe, um descanso depois do susto.

Moral da história? Nem sempre o herói usa capa. Às vezes, ele vem com agulha, luva e um baita coração empático.

Até o próximo relato da nossa montanha-russa chamada vida!



O tênis como ferramenta de inclusão

Texto por Francisco Paiva Jr

Ilustração
Samyra Oliveira

#RESPECTRO





O programa “Tô no Jogo - Tênis Integrativo”, idealizado pela ex-tenista profissional Cláudia Chabalgoity, vem mostrando como o esporte pode ser um poderoso instrumento de inclusão social, autoconhecimento e desenvolvimento humano. O trabalho é realizado com autistas e pessoas com outras deficiências, reforçando o potencial do esporte como meio de promover a inclusão.

Cláudia tem uma trajetória marcante no tênis. Desde os três anos de idade, dedicou-se à modalidade e conquistou títulos expressivos: foi campeã sul-americana, venceu diversos torneios nacionais e internacionais, representou o Brasil nos Jogos Pan-Americanos de Cuba, onde conquistou quatro medalhas, e esteve nas Olimpíadas de Barcelona. Após encerrar a carreira como tenista, buscou novos caminhos e, com sua experiência, encontrou no tênis um meio de transformar vidas.

“Queria criar algo que fosse além do esporte. O tênis me ensinou muito sobre disciplina, superação e convivência, e percebi que poderia compartilhar isso com pessoas que precisam de oportunidades para se desenvolver como indivíduos”, explica Cláudia.

O Tô no Jogo promove o ensino do tênis adaptado

usando abordagens terapêuticas e psicologia, com o olhar integrativo do ser humano na sua totalidade biopsicossocial. A proposta é trabalhar o ser humano de forma integral, respeitando suas necessidades, limites e potencialidades. Para isso, conta com uma equipe multidisciplinar formada por psicólogo, terapeuta integrativo, educadores físicos com especialização no ensino do tênis, psicomotricista e outros especialistas.

Além do caráter terapêutico e de socialização, o projeto tem também um olhar para a formação esportiva. Há dois momentos complementares: primeiro, a massificação, quando os alunos têm contato inicial com a modalidade; depois, a inclusão em centros de treinamento ou em clubes parceiros, para que possam chegar a quadras oficiais e participar de torneios. O objetivo é formar pessoas mais autônomas e, em alguns casos, também tenistas em nível competitivo.

Conectamos empresas, entregamos confiança!

Com mais de 60 anos de experiência, a Jamef oferece soluções personalizadas em transporte rodoviário e aéreo por todo o Brasil, com agilidade, segurança e eficiência.



Acesse nosso site.

**Leve sua empresa ainda
mais longe com a Jamef.**





Claudia Chabalgoity no projeto "Tô no Jogo".

Entre os participantes estão pessoas com diferentes deficiências, como deficiência intelectual, paralisia cerebral e, também, autistas. O trabalho com autistas é parte importante da proposta, respeitando as particularidades de cada um e promovendo inclusão social por meio do esporte.

“Nossa metodologia parte da escuta acolhedora e da observação atenta. Adaptamos as atividades e buscamos que cada aluno avance no seu ritmo, entendendo que cada pessoa tem um processo único de aprendizado”, conta Cláudia.

Além do trabalho individualizado, o programa também promove a socialização, eventos esportivos e ações de comunicação que trazem visibilidade aos alunos e apoiadores. As famílias são convidadas a participarem do processo através de rodas de conversa em encontros regulares com psicólogo e terapeuta corporal para acompanhar a evolução dos filhos, fortalecer vínculos e aprender intervenções de autorregulação emocional para si e seus familiares.

Hoje, o programa Tô no Jogo está presente em diversos projetos com 12 núcleos espalhados pelo país, atendendo cerca de 400 pessoas. Em Brasília, atua em instituições como a Ampare, a Pestalozzi e o

Centro de Ensino Especial Guará. Em São Paulo, está no Instituto Jô Clemente, na capital, e em Apaes de São Joaquim da Barra, Guará e Ituverava. Já no Rio Grande do Sul, o projeto funciona em Porto Alegre e nos municípios de Lajeado, Santa Cruz do Sul e Encantado, todos em parceria com Apaes locais.

Com resultados consistentes, o programa conquistou a confiança de grandes empresas. A BB Seguros patrocina, atualmente, um dos projetos que implementam a metodologia nos núcleos de Brasília, São Paulo e Porto Alegre, por intermédio da Lei de Incentivo ao Esporte do Ministério do Esporte.

“Nosso objetivo é formar indivíduos mais autônomos, confiantes e felizes. O tênis é apenas a porta de entrada para que cada um se descubra, desenvolva suas habilidades e construa um futuro mais positivo”, afirma Cláudia.

Com resultados já perceptíveis em todos os núcleos, o programa tem uma visão de longo prazo. A cada atendimento, a cada vivência, o Tô no Jogo busca contribuir não apenas com a formação esportiva, mas principalmente com o fortalecimento emocional e social de cada participante. ✿



Quem cuida de quem cuida?

Sobrecarga e solidão chamam atenção para saúde mental de mães de autistas

Texto por **Tiago Abreu**

Ilustração
Alexandre Beraldo "BERA"

Receber o diagnóstico de autismo de um(a) filho(a) é, para muitas mães, um momento de ruptura. A confirmação da condição traz consigo uma série de incertezas sobre o futuro da criança e exige uma reorganização profunda da rotina familiar que afeta a saúde mental de quem assume a maior parte dos cuidados.

Mesmo com avanços na discussão sobre o autismo, a saúde mental das mães de autistas ainda é pouco abordada em políticas públicas, programas de apoio ou mesmo nas redes de atendimento à saúde. Em muitos casos, o acolhimento vem de outras mães que compartilham experiências semelhantes e se conectam por meio de grupos presenciais ou virtuais. Nesta reportagem, duas mães compartilham suas experiências e falam sobre como o diagnóstico de autismo de seus filhos impactou suas trajetórias pessoais e profissionais.

TRANSIÇÕES

Thâmara Vilela é doutoranda em comunicação pela Universidade Federal de Goiás (UFG), mestre em psicologia social pela Universidade de Brasília (UnB) e mãe de um menino de 7 anos com autismo nível 3 de suporte e deficiência intelectual. Por conta dos cuidados do filho, teve que abandonar a carreira profissional. "Meu luto, eu acho que no começo, foi mais pelo trabalho do que pelo diagnóstico em si. Pelas coisas que eu fui perdendo", conta à **Revista Autismo**.

Outra consequência, segundo ela, são as mudanças na autoimagem. "É tanta terapia, tanta clínica, escola, e é tanto movimento corporal que você tem que fazer nesse dia a dia, que a gente acaba se deixando, não se cuida, e acaba engordando. Eu engordei 23 quilos nos últimos dois anos, tive muitos problemas osteomusculares, e a maioria das mães que eu conheço também têm", lamenta.

Parte do processo de lidar com um novo diagnóstico e o chamado 'luto' também passa por encontrar mais informações sobre o autismo. Isso faz com que seja possível partir do famoso lema 'do luto à luta'. Mas, para Thâmara, não se trata de uma trajetória linear. "Os problemas de saúde mental permanecem. Eles são contínuos. É uma vigília constante", argumenta.

A fisioterapeuta e psicomotricista Tarita Inoue também teve que encarar uma nova realidade após o diagnóstico do filho, que hoje é adolescente e nível 2 de suporte. "No dia que a médica falou da



Tiago Abreu

@otiagoabreu_

Jornalista, mestre e doutorando em comunicação e autor do livro "O que é neurodiversidade?"

hipótese de diagnóstico do autismo, eu estava para fechar um curso de MBA. Naquele dia, eu enterrei um sonho profissional. Chorei 30 dias seguidos. Naquele momento, eu enterrei o filho idealizado, e entendi que estava com uma criança com desenvolvimento atípico".

AMIZADES COM OUTRAS MÃES

Quando Tarita soube do autismo do filho, foi consultar uma analista do comportamento, que passou um longo período falando dos desafios que a criança teria de enfrentar no futuro. Ela, então, respondeu que seria mais útil ser apresentada a outra mãe de autista para ser ajudada de forma efetiva. E a ajuda veio dias depois. "Ela me ligou, eu estava no parque com meu filho, e ela falou: 'tem uma mãe que tem um grupo de apoio. Amais, eles fazem reuniões mensais. Você quer ir? Tem vaga'. E do jeito que eu tava, com roupa de ginástica, fui pra esse encontro", relembra.

Lá, durante a palestra, Tarita chorou. "Todas as mães e pais que estavam na plateia, e ali estava a Andréa Werner, estava a Marie Doriön, todas elas se levantaram e me abraçaram. Foi uma coisa muito marcante", conta. Com isso, Tarita começou a se corresponder com outras famílias por e-mails do Yahoo! Groups e nunca mais parou.

Mais tarde, fez amizade com Mariana Alckmin, mãe de gêmeos autistas, que criou em 2015

o TEApoio, grupo de apoio virtual entre familiares de autistas no WhatsApp. A iniciativa se desmembrou em subgrupos temáticos (como questões motoras, leis e medicações) e, depois, em grupos divididos por estados do Brasil. Atualmente, ao lado de outras mães pioneiras, Tarita é uma das administradoras. “A gente deve ter em torno de 600 famílias só no estado de São Paulo. É muita gente”, compartilha.

Fazer o TEApoio por uma década rendeu momentos felizes, como encontros presenciais entre mães, a realização das caminhadas pelo Dia Mundial da Conscientização do Autismo em São Paulo (SP), mas também união em momentos difíceis, como a ajuda a famílias afetadas pelas enchentes no Rio Grande do Sul, em 2024.

Em jul.2025, uma menina autista de 11 anos morreu ao cair de um mirante do Cânion Fortaleza, na cidade de Cambará do Sul (RS). O acidente causou comoção na comunidade do autismo, sobretudo por críticas que a família recebeu nas mídias sociais por viajar com a criança. Especialistas e familiares, porém, ressaltam que pessoas autistas e suas

famílias têm pleno direito ao lazer, às viagens e à convivência em espaços públicos, não devendo ser privadas dessas experiências. Segundo Tarita, a mãe é participante do TEApoio no Paraná. “A gente fez uma vaquinha para mandar uma coroa de flores pra ela”, disse.

Thâmara também concorda que o apoio entre mães que vivem trajetórias semelhantes é importante, especialmente pelo fato de muitas delas perderem parte significativa do círculo social. “A gente se reconhece uma na outra. Entre uma terapia e outra na sala de espera, tem um abraço, tem um choro, tem uma confissão”, diz.

MEDOS

Saber que uma pessoa autista pode não conseguir se desenvolver a ponto de ser autônoma faz com que muitas mães se preocupem sobre o que lhes espera daqui a uns anos. Para Thâmara, a invisibilidade dessa discussão pode ser percebida na representação do autismo no jornalismo brasileiro, especialmente na cobertura



sobre os casos de maior dependência. “O que me causou angústia foi: por que esses autistas não são dignos de pauta?”, questiona.

Sua pesquisa de doutorado tem como objetivo analisar a forma como o autismo é abordado por telejornais. “Por que a abordagem está tão centrada nos [casos] de superdotação? Tem essa questão da magia, do mistério, das super habilidades, que geram fascínio nas pessoas. Mas, em contrapartida, do outro lado do espectro, essas pessoas ficam totalmente à margem”, critica.

Ela também argumenta que abordar menos casos de maior dependência reforça estereótipos de que autistas são agressivos. “Esses estereótipos estão fundamentados em crenças, e trazem uma informação que não é qualificada”, acrescenta.

Ao viver o fim da adolescência do filho, Tarita também compartilha preocupações sobre o envelhecimento de autistas. “Eu não tenho nenhuma rede de apoio aqui. Minhas irmãs moram do outro lado do planeta, há muitos anos não convivem com o meu filho. O dia que eu e o meu marido formos [falecidos], não sabemos quem vai cuidar dele. Tenho muito medo do futuro, principalmente com os autistas nível 2 e 3. O que vai ser deles quando os pais não estiverem mais aqui?”, questiona.

Em termos de políticas públicas, Tarita teme que haja, no futuro, a volta de cenários de violação de direitos humanos, como hospícios. A solução, segundo ela, não é fácil e nem barata, mas necessária. “Moradias assistidas, coisas nesse sentido, precisam começar a acontecer. E precisaria haver uma parceria entre políticas públicas e privadas para que essas coisas acontecessem, como em outros países”, argumenta. 🌸

2015

foi o ano de criação do TEApoio

23Kg

foi o quanto Thâmara engordou em 2 anos cuidando do filho

600

famílias participam atualmente do TEApoio apenas no estado de SP

Amais

foi o grupo de apoio presencial que acolheu Tarita logo após o diagnóstico



Cursos e Produtos:
www.pecs-brazil.com

Ensine seu filho(a) ou aluno(a) as habilidades necessárias para comunicar funcionalmente



PECS Nível 1, PECS Nível 2,
Certificação Implementador
PECS, Habilidades de
Comunicação Críticas e
ABA Funcional



PYRAMID
EDUCATIONAL
CONSULTANTS

Pyramid Consultoria
Educativa do Brasil Ltda
Avenida Afonso Pena, 3924, Sala 310
Belo Horizonte, Minas Gerais



Novo estudo revela 4 subtipos de autismo e abre caminho para diagnósticos mais precisos

Vulnerabilidades no TEA elevam o risco de uso de substâncias e desafiam o cuidado clínico

Texto por Francisco Paiva Jr

Ilustração
Samantha Paiva



Um estudo publicado em jul.2025 na revista *Nature Genetics* identificou quatro subtipos bem definidos dentro do espectro do autismo, cada um com características clínicas próprias, padrões genéticos específicos e trajetórias distintas de desenvolvimento. Os autores analisaram dados de 5.392 crianças autistas e 1.972 irmãos não autistas, todos nos Estados Unidos, além de

replicar os achados em outra amostra com 861 autistas. O estudo foi feito por pesquisadores da Universidade de Cambridge (Reino Unido), conduzido no Autism Research Centre daquela universidade, em colaboração com outros centros de pesquisa e a Simons Foundation (EUA).

Combinando avaliações comportamentais detalhadas e sequenciamento genético, os cientistas propuseram uma nova forma de olhar para o transtorno do espectro do autismo (TEA), não como uma única condição com intensidades variadas, mas como um conjunto de perfis diferentes que coexistem sob o mesmo diagnóstico.

Ao invés de focar apenas nos sintomas clássicos do TEA — como dificuldades de interação social e comportamentos repetitivos —, os pesquisadores adotaram uma abordagem centrada na pessoa, considerando também atrasos no desenvolvimento, comorbidades como TDAH, depressão, deficiência intelectual e o histórico familiar. A partir disso, utilizaram um modelo matemático

avanzado de *machine learning*, chamado GFMM (em inglês, *general finite mixture model*), que agrupa indivíduos com base em semelhanças e características clínicas — e não nos critérios tradicionais já estabelecidos.

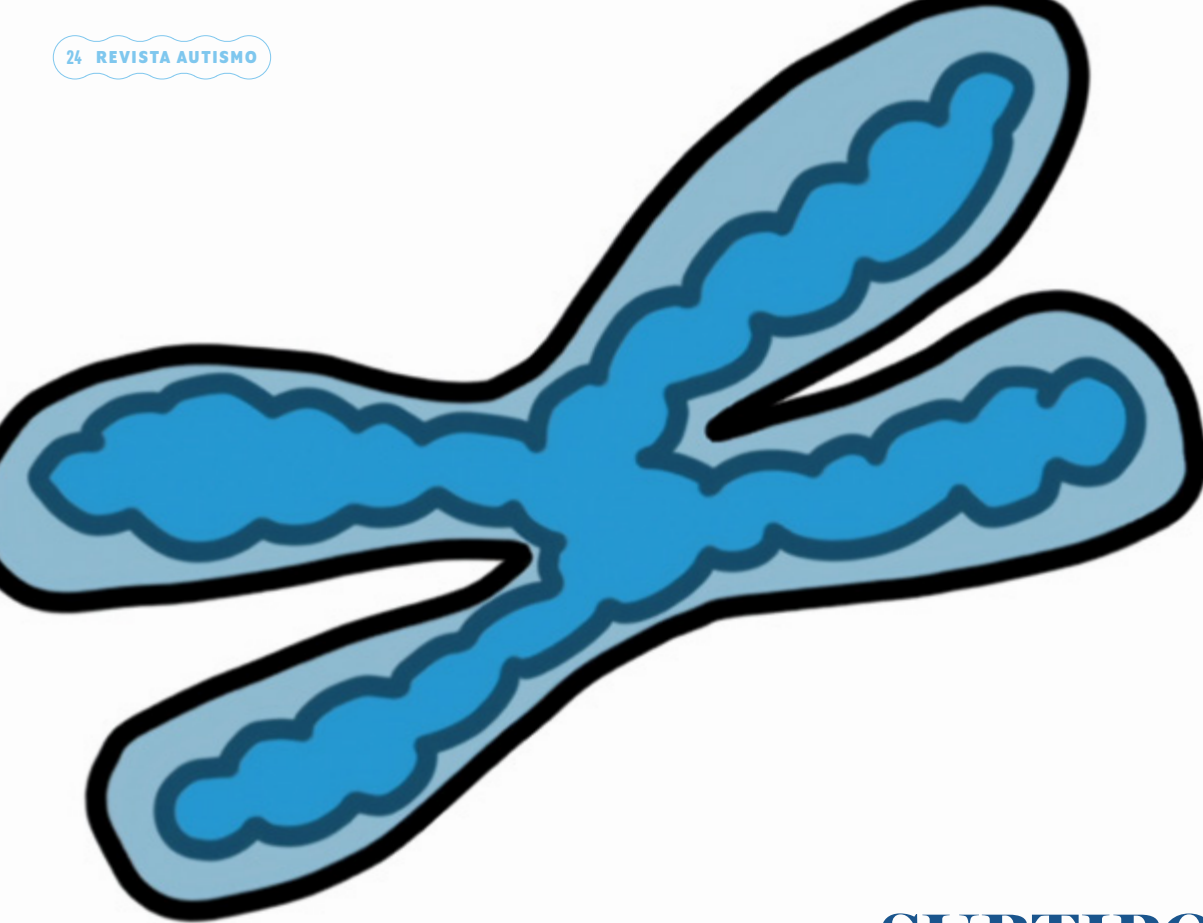
Para o geneticista molecular Diogo Ventura Lovato, professor da PUC-Campinas, esse é um dos estudos mais relevantes deste ano. “Ao utilizar dados clínicos e genéticos de alta qualidade associados à mais moderna ciência de dados, os pesquisadores desse trabalho deram um passo extremamente importante para o futuro do TEA. Quem conhece pessoas com diagnóstico de TEA, sabe quão diferentes elas são umas das outras e como isso é um problema para diagnóstico e perspectivas terapêuticas. Até o momento, a genética clínica consegue auxiliar apenas uma parcela dos indivíduos com TEA, na sua maioria, casos graves que apresentam deficiência intelectual e outras comorbidades. Nesse estudo, foi possível entender melhor todos os grupos de autistas e como eles são diferentes clinicamente, numa associação holística e não de algumas características isoladas, com a genética. Foi um passo importante que eles deram para que todos nós possamos sonhar em breve com uma melhoria significativa no que chamamos de medicina de precisão genômica para o TEA”, destacou Lovato, que é biomédico, doutor em biologia molecular e especialista na genética do autismo.

QUATRO PERFIS

O resultado surpreendeu até os próprios autores: os dados apontam com clareza para a existência de quatro grandes perfis de autismo, cada um com combinações únicas de desafios e com alterações genéticas distintas. Algumas crianças tinham mutações raras de alto impacto; outras, uma soma de variantes genéticas herdadas de menor impacto



O estudo aponta para a existência de 4 grandes perfis de autismo, cada um com combinações únicas de desafios e alterações genéticas distintas.



SUBTIPOS DE AUTISMO

isolado, mas ainda significativas quando somadas em um único indivíduo. Cada perfil também estava associado a um momento diferente da expressão gênica no cérebro em desenvolvimento, em relação ao tempo de vida — como se o “retrato” de cada criança estivesse sendo esculpido por caminhos biológicos próprios desde o início da vida.

Embora esses perfis ainda não substituam os níveis de suporte estabelecidos na quinta versão do Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais (DSM-5), o estudo propõe uma evolução: somar às atuais classificações uma camada mais rica de informação, que permita planejar melhor os apoios, prever comorbidades e até personalizar terapias. “No futuro, talvez possamos dizer que uma pessoa é autista nível 1 de suporte, perfil misto com atraso no desenvolvimento”, sugere a equipe, no artigo científico. Essa combinação de dados clínicos e genéticos, segundo os autores, pode transformar a forma como se pensa o cuidado com pessoas autistas.

Veja a seguir os quatro subtipos de autismo identificados no estudo, com suas principais características e a proporção que cada um representa, além do percentual da população identificada com cada subtipo:

Perfil social e comportamental

(37% da população estudada)

Crianças com grandes dificuldades em interações sociais, comunicação e comportamentos repetitivos. Apresentam também altos índices de transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) e ansiedade, mas sem atrasos no desenvolvimento inicial da linguagem ou da motricidade.

Perfil misto com atraso no desenvolvimento

(19% da população estudada)

Crianças que tiveram atrasos para andar, falar e se desenvolver. Também apresentam

autismo, mas com presença significativa de deficiência intelectual, transtornos motores e distúrbios de linguagem. Este perfil está associado a características genéticas herdadas combinadas a mutações espontâneas, quer dizer, que não estão presentes nos progenitores biológicos.

Perfil amplamente afetado

(10% da população estudada)

Crianças com muitos desafios combinados — sociais, cognitivos, emocionais e comportamentais — e maior número de diagnósticos associados, como epilepsia, TDAH e deficiência intelectual. São as que mais precisam de diferentes formas de intervenção e foram as que mais concentraram mutações genéticas de alto impacto clínico.

Perfil de desafios moderados

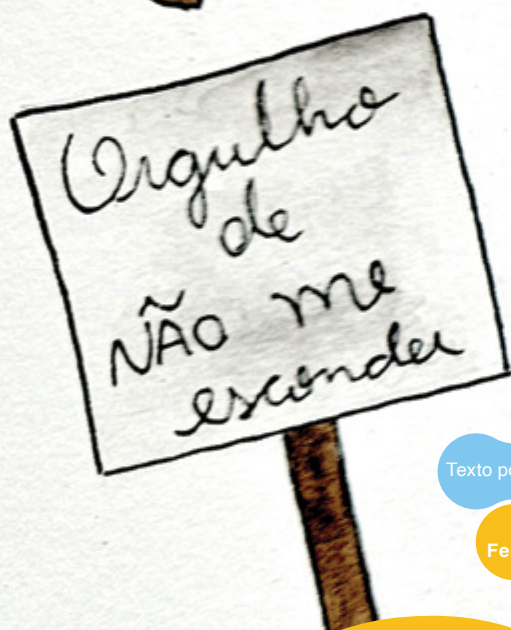
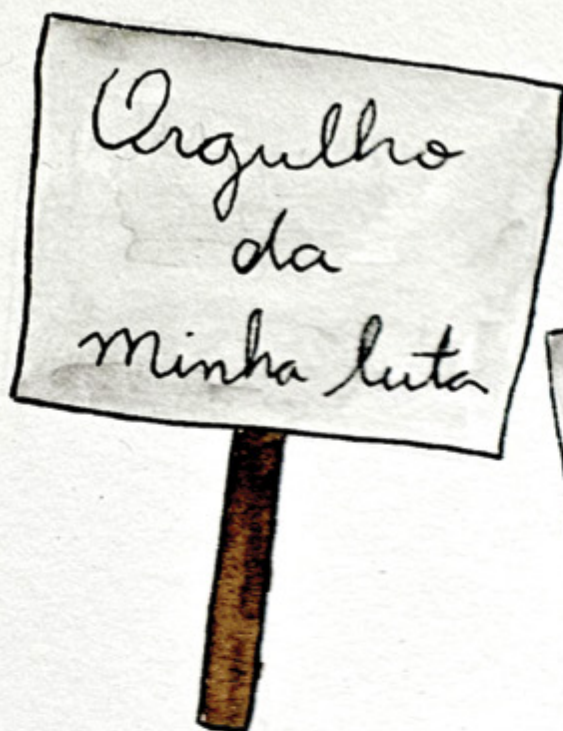
(34% da população estudada)

Crianças com sintomas mais leves ou moderados, com menos comorbidades. Desenvolveram linguagem e habilidades motoras dentro do esperado, mas têm traços de autismo que costumam aparecer mais claramente com o tempo, como na escola ou nas relações sociais.

ESTUDO PUBLICADO

O estudo completo, que foi publicado em 09.jul.2025, na revista científica Nature Genetics, pode ser conferido no site da Nature, com o título “Decomposition of phenotypic heterogeneity in autism reveals underlying genetic programs”.🔗

#RESPECTRO



Texto por Cindy Dalfovo

Ilustração
Fernanda Barbi Brock



Orgulho autista é resistência



**A imagem do
autista genial apaga
realidades e dificulta
o acesso a apoios
adequados**

O mês da conscientização do autismo, em abril, já está bem consolidado, com muitos eventos relacionados ao autismo ocorrendo nesse período. Em contraste, o Dia do Orgulho Autista, em 18 de junho, ainda é pouco conhecido. Mesmo entre quem conhece a data, percebo falta de clareza: se já existe o Dia da Conscientização, por que também o Dia do Orgulho?

Muitos reagem com estranhamento: como assim, orgulho de ser autista? Afinal, o autismo é uma condição séria, que impacta profundamente a vida da pessoa e de sua família.

Para essas pessoas, quem fala em orgulho autista deve estar entre aqueles autistas que estudam, trabalham, se casam, têm filhos – muito diferentes dos autistas que precisam de apoio ao longo da vida. Mas essa reação quase visceral a qualquer associação positiva com o autismo mostra justamente porque o Dia do Orgulho Autista é tão necessário.

Apesar do que o nome sugere, o orgulho autista não é apenas sobre sentir orgulho individual. Trata-se de um movimento político e coletivo, com base histórica. Pessoas autistas já foram – e ainda são – tratadas como menos que humanas. A maioria dos estudos busca nos diagnosticar, curar (curar o quê, exatamente?), ou mesmo prevenir que existamos.

As terapias voltadas a pessoas autistas, na maioria das vezes, são medidas pelo quanto a pessoa se torna “menos autista”: faz menos movimentos, age de forma mais aceitável para os não autistas, se comunica como o esperado.

Pesquisas que focam na qualidade de vida do autista são raras – e, quando existem, em grande parte são conduzidas por pesquisadores autistas, movidos pelo interesse em transformar a realidade da própria comunidade. O problema é colocado em nós: somos nós que devemos mudar para “caber” na sociedade.

Em inglês, *pride* significa “orgulho”, mas também designa um grupo de leões. Gosto de imaginar autistas reunidos, rugindo juntos: não somos um erro. Temos tanto direito de estar na sociedade quanto qualquer outra pessoa. Sempre estivemos aqui. Nossas mãos também ajudaram a construir o mundo. Quantas invenções e descobertas foram feitas por autistas que puderam se dedicar ao que amavam? Quantos artesãos autistas criaram obras refinadas após anos de intensa dedicação? E um ponto

O suporte e o apoio que necessitamos não pode estar vinculado a uma mudança radical em quem somos

fundamental: nossos direitos como cidadãos não podem depender de supostos méritos, de uma avaliação preconceituosa acerca de nossa utilidade para a sociedade. O suporte e o apoio que necessitamos não pode estar vinculado a uma mudança radical em quem somos, mas são condição primeira e necessária para que possamos ser cidadãos plenos nessa sociedade.

Por tudo isso, o orgulho autista é um ato de resistência e transformação. Um passo para construirmos uma sociedade que pare de nos excluir por sermos diferentes, e comece a respeitar e valorizar nossas singularidades. 🌈



Cindy Dalfovo

📷 @cindyautista

é autista,
ativista e
mestre em
Educação.

C · A · N · A · L AUTISMO

Veja alguns destaques resumidos do **Canal Autismo**, que publica conteúdo diário sobre autismo. Para ler os textos completos de cada notícia, acesse o site **CanalAutismo.com.br** ou use o QR-code que está na página do índice desta edição.

Reprodução / TV Globo



Leandro Hassum, no episódio final desta temporada.

✕ Pode Perguntar', no Fantástico, traz Leandro Hassum e Fábio Assunção

O ator Fábio Assunção foi o convidado do quarto episódio do quadro "Pode Perguntar", exibido no dia 03.ago.2025 pelo programa Fantástico (Rede Globo). O último episódio desta temporada foi exibido no dia 31.ago.2025, com o ator e humorista Leandro Hassum, que chorou ao relatar o

dia em que soube da prisão do pai, em 1994, por envolvimento com a máfia italiana. Gravado na Pinacoteca, em São Paulo (SP), os episódios seguiram o formato em que pessoas autistas fazem perguntas diretas e espontâneas a figuras públicas.



Circo produz sessão adaptada para autistas

O Le Cirque, promoveu, na cidade paulista de Campinas, no dia 18.ago.2025, mais uma sessão adaptada para pessoas com deficiência, autismo, hipersensibilidade auditiva e outras condições sensoriais. A iniciativa, que ocorre há dois anos, aconteceu no Shopping Parque Dom Pedro.



Reprodução / G1

Circo produz sessão adaptada para autistas.

#RESPECTRO

Azul cargo
»Express

Seja dono do seu próprio negócio!

Abra sua loja e faça parte da Azul Cargo Express, uma marca líder em logística e transporte de cargas no Brasil.

Suporte completo, potencial de ganhos e operação simplificada.

Afinal, longe é um lugar que não existe para nós.

Saiba mais:





✖ Podcast Espectros recebeu Jéssica Borges, Joana Portolese e Elyse Matos

O Espectros, podcast mensal desta **Revista Autismo**, recebeu mais três figuras da comunidade ligada ao autismo nos últimos meses. Em junho, a entrevistada foi Jéssica Borges, presidente da Associação Brasileira para Ação por Direitos das Pessoas Autistas (Abraça). Julho foi a vez da pesquisadora e neuropsicóloga Joana Portolese,

coordenadora do Programa de Diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). Em agosto, a entrevistada foi Elyse Matos, doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e fundadora do Instituto Ico Project.



Capa do livro "Apocalypse Zumbi: Sobreviventes - volume 1", de Giovanni Paiva.

✖ Jovem autista lança livro de ficção sobre apocalipse zumbi na Amazon

No dia 2.ago.2025, ocorreu a *live* de lançamento do livro "Apocalypse Zumbi: Sobreviventes – Volume 1", escrito por Giovanni Paiva, jovem autista de 18 anos. A transmissão se deu simultaneamente pelo TikTok e pelo Instagram, reunindo leitores, amigos e familiares para celebrar a estreia do autor no universo da ficção.



curso em vídeo

Aprenda **informática** com cursos **grátis** feitos por especialistas

Criação de sites, Programação, Word, Excel e muito mais.



curso em vídeo
cursoemvideo.com



Podcast Introvertendo libera primeiros episódios de nova formação



Divulgação / Introvertendo

Marx Osório e Brendaly Januário, no episódio 268 - Rotina e Caos na Vida Adulta.

O Introvertendo está de volta com nova formação e com episódios semanais, liberados às sextas-feiras. De junho a setembro, foram publicados 15 episódios com discussões sobre diagnóstico, amizades, rotina na vida adulta, aplicativos de relacionamento e habilidades sociais. A geração atual do Introvertendo conta com apresentação de Gustavo

Borges, Brendaly Januário e Marx Osório e produção do Núcleo de Arte e Inclusão do Autista (Naia Autismo), ONG de Goiânia (GO). Os episódios podem ser acompanhados nos principais *players* de podcast, como o Spotify e outros, no canal do Naia no Youtube (youtube.com/@NAIAutismo), ou no site Introvertendo.com.br.



Padres gêmeos recebem diagnóstico de autismo

Os irmãos Vanilson e Vanderley dos Santos Rigon, padres da Arquidiocese de Maringá, no Paraná, receberam o diagnóstico de autismo em 2023, já durante o exercício do sacerdócio. A história foi contada em reportagem do G1, de 11.ago.2025.



Reprodução / G1

Padres gêmeos recebem diagnóstico de autismo.



O Globo destaca: Muotri projeta futuro com cérebro humano em laboratório



reprodução / O Globo

Pioneiro no uso de organoides cerebrais para estudar o autismo, o cientista brasileiro Alysson Muotri acredita que a ciência está prestes a alcançar um marco tão impressionante quanto controverso: "A gente vai ter um cérebro humano em laboratório. É inevitável", afirmou ele em entrevista ao jornal O Globo, que ganhou destaque de uma página inteira na edição de domingo, em 27.jul.2025.

Reportagem de página inteira com Muotri no jornal O Globo.



Divulgação / Parque da Mônica

Entrada do Parque da Mônica, em São Paulo (SP).

✦ Congresso Extraordinário 2025 será no Parque da Mônica, em SP, e defende comunicação para todos

Nos dias 25 e 26.out.2025, acontece o Congresso Extraordinário 2025, promovido pela Genial Care e **Revista Autismo**, com o propósito de transformar a forma como a sociedade compreende e viabiliza a comunicação de crianças autistas. O evento tem como um de seus maiores diferenciais o local onde será realizado: o Parque da Mônica, em São Paulo (SP). Inscreva-se e veja todas as informações no site genialcare.com.br/congresso-extraordinario-2025/. Com o tema central “Desmistificar a comunicação com crianças autistas”, o congresso propõe desconstruir mitos ainda presentes em torno da comunicação com pessoas autistas — como a ideia de que o uso da comunicação aumentativa e alternativa (CAA) atrasa o desenvolvimento da fala vocal — e mostrar, na prática, como a comunicação pode ser acessível e libertadora em contextos diversos como escola, clínica e casa.

Parque da Mônica e Instituto Maurício de Sousa

Uma das grandes novidades desta edição é a parceria com o Instituto Maurício de Sousa e Parque da Mônica, que compartilha o mesmo compromisso com a alfabetização inclusiva. O evento contará com um painel exclusivo apresentando os bastidores do projeto piloto de adaptação cognitiva realizado no próprio Parque da Mônica, demonstrando como a inclusão se faz na prática. A programação inclui palestras, painéis e oficinas com participação de especialistas,

famílias e usuários de CAA. Serão dois dias de troca intensa de conhecimento, com foco em experiências reais e soluções que podem ser aplicadas imediatamente nos contextos educacional, clínico e familiar.

“Queremos que cada participante saia do congresso inspirado e, principalmente, com ações práticas para implementar no seu dia a dia seja clínico, na escola ou em casa. Desde colocar uma prancha visual em sala de aula até adaptar espaços públicos com pictogramas. Comunicação acessível começa com pequenas mudanças”, explica Lívia Bravo, gerente de marketing da Genial Care, idealizadora do evento.

Destaques da programação

O evento reunirá fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, psicólogos e educadores para palestras e painéis com foco em estratégias práticas:

“Todo comportamento é uma forma de comunicação” – Abertura que reflete sobre o papel da comunicação no centro das relações com crianças autistas, reconhecendo que todo comportamento carrega uma intenção e um desejo de se conectar.

“Tecnologia, afeto e acessibilidade: caminhos para uma alfabetização inclusiva” – Talk inspiradora sobre o papel da tecnologia aliada ao vínculo afetivo e à acessibilidade no processo de alfabetização de crianças autistas.

“Case Treinamento + Projeto de adaptação cognitiva com Parque da Mônica” – Painel exclusivo apresentando os bastidores e

aprendizados do projeto realizado no próprio Parque da Mônica, com adaptação cognitiva para crianças autistas. Serão apresentados relatos de profissionais que participaram do processo de escuta, planejamento, criação e aplicação dos materiais adaptados, em um exemplo inspirador de como a inclusão se faz na prática.

Palestras com especialistas renomados: como Josefina Gibbons García (@acercaar), especialista em Comunicação Alternativa Aumentativa (CAA) e comunicação multimodal que atua com assessoria a famílias e equipes;

Guadalupe Montero de Espinosa (@smileandlearnapp), responsável por plataforma com mais de 12 mil atividades educativas para crianças de 3 a 12 anos; e Fernanda Orsati, psicóloga, professora e diretora do Instituto Inclusive Todos, referências nacionais e internacionais em comunicação e autismo.

O evento contará com tradução em Libras, materiais acessíveis, guia visual para participantes e possibilidade de assistir de forma remota. Os ingressos já estão à venda no site abaixo — e tem um cupom de desconto para nossos leitores: REVISTAAUTISMO10.

Serviço

3º Congresso Extraordinário

Data: **25 e 26.out.2025**

Local: **Parque da Mônica** — São Paulo (SP)

Formato: **Híbrido (presencial + online)**

Horário: **8h às 11h30 e 13h às 15h** (com oficina extra)

Cupom de desconto: **REVISTAAUTISMO10**

Inscrições e programação: **genialcare.com.br/congresso-extraordinario-2025/**

#RESPECTRO



Com projeto de Chacur, SP inaugura sala de acomodação sensorial no metrô Barra Funda

O Governo do Estado de São Paulo inaugurou, no dia 01.ago.2025, uma sala de acomodação sensorial (SAS) na estação Palmeiras-Barra Funda do Metrô e reinovou o Centro de Informação para Pessoas com Deficiência na estação Tatuapé.

A sala foi criada para acolher passageiros com transtorno do espectro do autismo (TEA) e outras neurodivergências em momentos de crise sensorial, com isolamento acústico, controle de iluminação e poltronas individuais. Já o Centro de Informação oferece orientação, atendimento humanizado e serviços gratuitos de pequenos reparos em cadeiras de rodas e bengalas.

A arquiteta idealizadora do projeto, Ana Paula Chacur, destacou: “Acredito que desenhar um espaço que acolha todos os corpos, sentidos e emoções é um desafio potente enquanto arquiteta especialista em autismo, mas transformar esse projeto em uma política pública, tendo como inspiração a vivência de mãe atípica, é a realização mais profunda do meu propósito.”



Sala de acomodação sensorial na estação Palmeiras-Barra Funda.

Divulgação / Governo do Estado de SP



AMA-SP abordou inclusão e acolhimento no 22ª edição do Encontro de Amigos pelo Autismo

Nos dias 7 e 8 ago. 2025, a Associação de Amigos do Autista (AMA-SP) promoveu a 22ª edição do Encontro de Amigos pelo Autismo, com o tema "Inclusão e acolhimento: um retrato dos serviços prestados aos autistas no Brasil". O evento lotou o auditório da Universidade Paulista (Unip), no campus Paraíso, em São Paulo (SP).



Francisco Paiva Jr. / Revista Autismo

Encontro da AMA-SP, no auditório da Unip, em São Paulo (SP).

#RESPECTRO

A escuta, a estrutura e o cuidado: como a SOMAR transforma vidas...

Esses são alguns pilares da clínica Somar:

A ESCUTA

Sempre atenta para orientar cada etapa do processo.

A ESTRUTURA

Ambientes organizados oferecem segurança emocional.

O CUIDADO

Construído com profissionais de diferentes áreas atuando em conjunto.

Isso é SOMAR: cuidar em conjunto, com propósito e presença.

UNIDADE PIEDADE: (81) 3465-3913, Jaboatão dos Guararapes/PE
UNIDADE OLINDA: (81) 4100-1166, Olinda/PE
UNIDADE BOA VIAGEM: (81) 3465-3913, Recife/PE
UNIDADE TORRE: (81) 3441-5656 ou (81) 3039-5656, Recife/PE
UNIDADE ABDIAS: Avenida Sport Club do Recife, Madalena. Recife/PE



✕ Procura por avaliação de autismo no Rio triplica em 2025

Reprodução / Ministério da Cultura



Procura por avaliação de autismo no Rio triplica em 2025.

A procura por avaliação de autismo aumentou consideravelmente na rede municipal de saúde do Rio de Janeiro. Segundo informações do jornal O Globo, o número de atendimentos a crianças e adolescentes com suspeita de autismo triplicou em 2025, em comparação com o ano anterior, somando mais de 6 mil desde o início do ano.

✕ Episódio de estreia da Turminha da Jujuba tem lançamento marcado por inclusão e entusiasmo

Divulgação



Turminha da Jujuba: projeto visa inclusão e apoio ao desenvolvimento infantil.

Na noite de 15.jul.2025, foi lançado oficialmente o primeiro episódio da série animada Turminha da Jujuba, em um evento em São Paulo (SP), que reuniu famílias, profissionais da educação e saúde, e muitas crianças — especialmente autistas — que acompanharam a exibição com entusiasmo. O episódio piloto foi amplamente elogiado e aplaudido, tanto pelo público infantil quanto pelos adultos envolvidos, que destacaram a proposta sensível e educativa da produção.

A proposta da Turminha da Jujuba é seguir com episódios curtos, de cerca de oito minutos, cada um focado em situações cotidianas vividas por crianças, especialmente as neurodivergentes. A série foi pensada para promover empatia, autonomia e habilidades socioemocionais, tornando-se uma aliada no cuidado e na educação.

✕ Raquel dos Teclados recebe diagnóstico de autismo

A cantora Raquel dos Teclados usou suas redes sociais para anunciar que foi diagnosticada com autismo. Aos 42 anos, a artista fez uma declaração pública como autista em 4.ago.2025 e sobre o alívio que teve pela descoberta.



Reprodução / Divulgação

Raquel dos Teclados recebe diagnóstico de autismo.

✕ Camisetas com arte de autistas são vendidas no Masp em projeto de inclusão social



Divulgação

Flávia Gusmão, na loja do Masp, em São Paulo.

#RESPECTRO

Desde o mês de jun.2025, camisetas estampadas com desenhos de artistas autistas podem ser encontradas na loja do Masp, em São Paulo (SP). Os produtos fazem parte da iniciativa Cog LifeArts (@coglifearts), que une inclusão, empreendedorismo e arte em uma proposta de impacto social.



Humorista Tiago Santineli revela publicamente que é autista

Reprodução / Wikimedia Commons



Humorista Tiago Santineli revela publicamente que é autista

O humorista Tiago Santineli afirmou, em vídeo publicado em 12.jul.2025, que recebeu um diagnóstico de autismo. Na ocasião, ao falar sobre Elon Musk e em resposta ao youtuber Vitor Santos, ele disse: "Vitinho, adivinha? Nós temos uma coisa em comum. Nós dois somos autistas. A diferença é que o meu laudo não foi comprado no camelô".



Livro-reportagem 'O futuro do autismo' reúne ciência e vivências sobre autismo

Chegou às livrarias e às principais plataformas digitais, em 27.jun.2025, a versão impressa e em e-book do livro-reportagem "O futuro do autismo", resultado de uma colaboração entre o Instituto Pensi, a **Revista Autismo** e a agência de comunicação No Temos Teta. A obra é fruto do projeto Autismo & Realidade e reúne uma seleção de artigos, reportagens e entrevistas sobre o transtorno do espectro do autismo (TEA), publicados nos últimos anos, trazendo um panorama abrangente sobre o tema, com linguagem acessível e foco em informações de qualidade.



Capa do livro "O futuro do autismo", no evento de lançamento

Francisco Paiva Jr. / Revista Autismo

I CONGRESSO MINEIRO DE TEA NA ATUALIDADE

O MAIOR EVENTO SOBRE AUTISMO EM MG

15, 16 e 17 DE NOVEMBRO DE 2025 | BELO HORIZONTE - MG



+ DE 70
PALESTRANTES
DE TODO
O PAÍS

Confira a lista completa no site congressomineirodetea.com.br

PALESTRAS EXCLUSIVAS COM ESPECIALISTAS (COM TRADUÇÃO EM LIBRAS)

- Workshops práticos e dinâmicos
- Sala Sensorial
- Acolhimento Jurídico
- Espaço para networking e troca de experiências
- Conteúdo inovador e multidisciplinar sobre TEA na atualidade
- Emissão de certificado para todos os inscritos;
- Serão 3 dias intensos de aprendizado e troca de experiências

inscreva-se pelo

Sympla



Garanta sua vaga e faça parte desse encontro histórico que vai reunir **ciência, conhecimento e inclusão!**

REALIZAÇÃO:



MONTANDO
UM TIME

INFORMAÇÕES:
congressomineirodetea@gmail.com

APOIO:





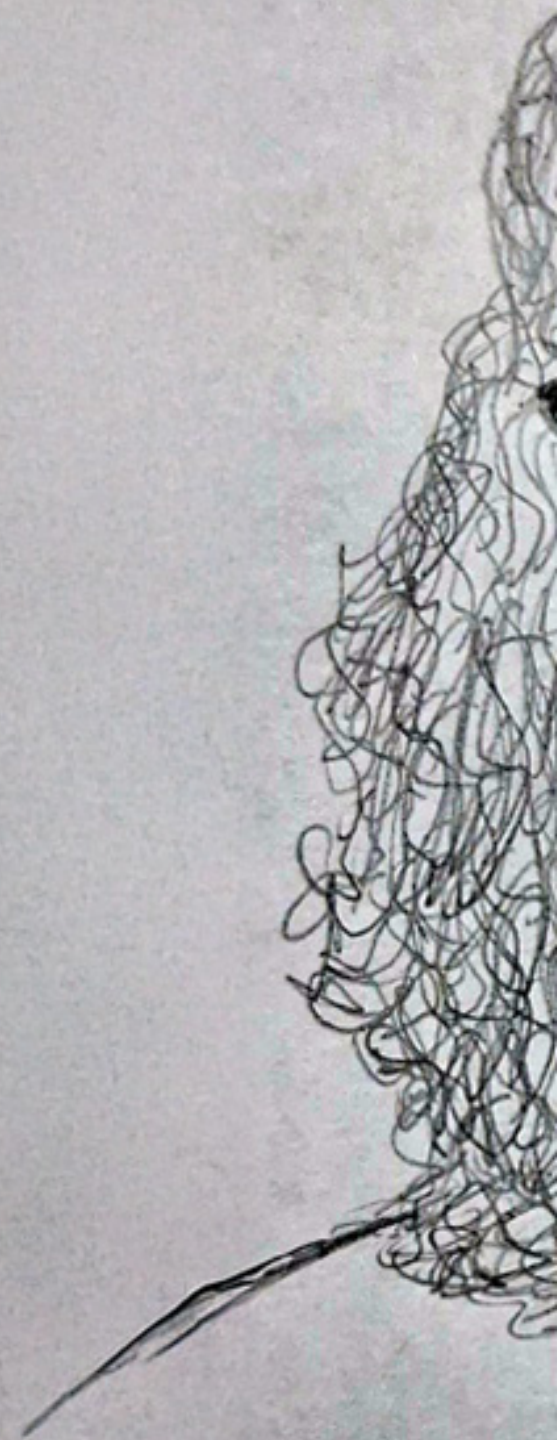
Sonhos que pedem apoio

Um convite à sociedade e aos profissionais para apoiar trajetórias de pessoas autistas

Texto por Roseli Claro

Ilustração
Carmen Dalida

Trabalho há sete anos no Grupo Método, uma clínica multidisciplinar que atende crianças e adultos com autismo e outros transtornos do desenvolvimento. Sou mãe, profissional, palestrante e, sobretudo, uma mulher que voltou a sonhar. Mas, esse caminho não foi simples e poderia ter sido menos doloroso se, desde o início, eu tivesse encontrado profissionais preparados, humanos e éticos. Durante muitos anos sonhei em ser oceanógrafa. Os oceanos sempre me fascinaram. Talvez, com o suporte certo, com uma escuta mais sensível, eu pudesse ter seguido esse caminho. Não por falta de capacidade, mas por falta de oportunidade, de acolhimento, de acesso. Hoje, minha filha autista também enfrenta desafios que poderiam ser menores se a sociedade fosse mais inclusiva. O que mais desejo é que sejamos respeitadas, valorizadas e realizadas. E vocês, profissionais, têm um papel fundamental nisso. Que tal, juntos, construirmos caminhos onde os sonhos não sejam negados mas apoiados? ✿



Roseli Claro



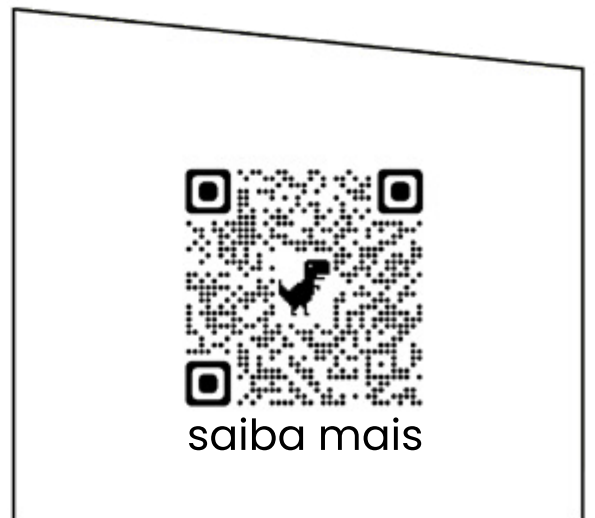
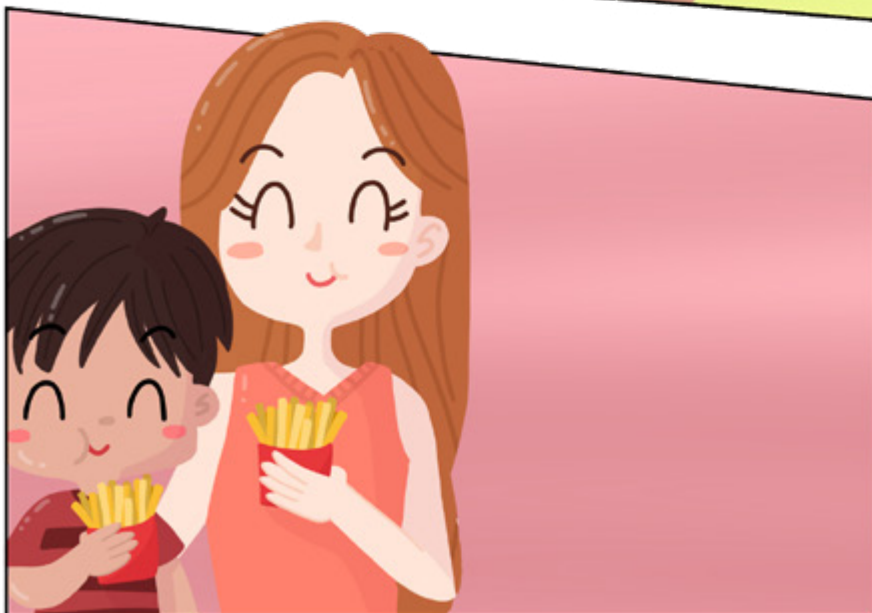
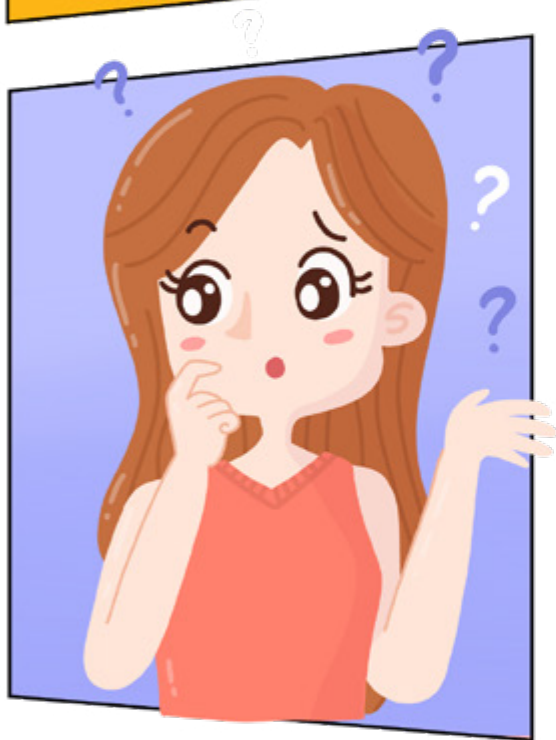
@roseli.claro.tea

@diariodeumamulhercomtea

@gmetodo

54 anos, autista
nível 2 de supor-
te, completando 7
anos de trabalho
no Grupo Método.





Quer desvendar os mitos e as características do autismo?

Um livro ideal
para quem acabou
de receber o diagnóstico
ou tem dúvidas sobre ele.





Texto por Thiago Cabral

Ilustração
tio .faso



Autismo e transtorno de personalidade

O

interesse pela relação entre o transtorno do espectro do autismo (TEA), especialmente em adultos de alto funcionamento, e os chamados transtornos de personalidade, como o borderline, tem aumentado nos últimos anos. Um editorial publicado em 2024 no *British Journal of Psychiatry*, por Zavlis e Tyrer(1), propôs uma nova forma de entender essa interseção — mais clara, mais justa e mais útil para quem vive essas realidades.

Segundo os autores, há duas interpretações comuns sobre a sobreposição entre autismo e transtornos de personalidade. A primeira sugere que muitos adultos autistas, principalmente mulheres, são erroneamente diagnosticados com transtorno de personalidade borderline, devido à semelhança entre os sintomas: dificuldade em relações sociais, instabilidade emocional, impulsividade, crises de identidade. Esse erro ocorre com frequência porque o autismo feminino costuma ser mais camuflado e menos reconhecido pelos profissionais de saúde.

A segunda visão reconhece que, em alguns casos, as duas condições podem coexistir: a pessoa é autista e também desenvolve um transtorno de personalidade. Isso se explicaria pelo fato de que as dificuldades emocionais e relacionais típicas do autismo, quando vividas de forma intensa e crônica, podem gerar padrões de comportamento considerados desadaptativos pela psiquiatria tradicional.

O diferencial do artigo está em propor uma visão mais integrada: os autores defendem que certos traços de personalidade — como rigidez, reatividade emocional e isolamento — fazem parte do próprio espectro autista em muitos casos. Ou seja, essas características não seriam um transtorno à parte, mas expressões legítimas da neurodivergência.

Esse entendimento é possível graças às novas classificações da Organização Mundial da Saúde (CID-11) e da Associação Psiquiátrica Americana (DSM-5), que passaram a tratar os transtornos de personalidade de forma dimensional — não mais como “rótulos fechados”, mas como graus de intensidade e impacto funcional.

Assim, em vez de pensar em categorias fixas (autismo ou transtorno de personalidade), os autores propõem olhar para



Thiago Cabral

 @cabralpsiquiatra
 cabralmed@me.com
 clinicaequilibriobemestar.com.br

é médico psiquiatra com especialização em psiquiatria forense e psicoterapia.

#RESPECTRO



dimensões do funcionamento psíquico: como a pessoa se relaciona, regula suas emoções e se percebe no mundo. Isso permite um diagnóstico mais justo, que evita tanto os erros de exclusão do autismo quanto a patologização excessiva de traços pessoais que podem ser parte do próprio espectro.

Conceber o autismo e os transtornos de personalidade como espectros que podem se cruzar — mas que têm naturezas distintas — pode ajudar profissionais, famílias e pessoas neurodivergentes a compreender melhor suas vivências e a buscar caminhos de cuidado mais coerentes com suas realidades. 🌸

#RESPECTRO



CUIDADO INTEGRAL
PARA UMA SAÚDE MENTAL
MAIS EQUILIBRADA



Trabalho no Espectro

Talento na neurodivergência: ética na inclusão e equidade nas oportunidades profissionais

Texto por **Leandro J. Silva**

Ilustração
Camila Ali Chair

Para abordar o talento das pessoas neurodivergentes, é importante responder a algumas perguntas essenciais sobre a entrada, permanência e desenvolvimento de uma carreira no mercado de trabalho desse grupo importante de nossa população. Para isso, fiz quatro perguntas para esta discussão.

Como as empresas buscam recrutar e selecionar talentos?

O recrutamento e a seleção são processos voltados à identificação de competências técnicas e comportamentais que buscam atender às necessidades das organizações, bem como à prospecção de candidatos(as) que tenham afinidade com a cultura e valores das empresas. Todavia, essas etapas de seleção ainda são padronizadas, incluindo entrevistas presenciais, avaliações, testes e, em muitos casos, dinâmicas de grupo. Esses formatos tendem a valorizar perfis de pessoas que tenham características dentro de padrões de comportamento tidos como típicos, ou dentro da chamada "norma". Esta forma padrão de recrutamento e seleção, geralmente desconsidera pessoas que apresentam um funcionamento cognitivo diferente, tais como as pessoas neurodivergentes.

O talento das pessoas neurodiver-

gentes pode ser observado nos processos de recrutamento e seleção sem acessibilidade?

A ausência de acessibilidade torna impossível acessar esses talentos. Pessoas neurodivergentes, como autistas, pessoas com TDAH, dislexia, e outras condições cognitivas, podem apresentar diferentes formas de processamento de informação, interação social e comunicação. Processos seletivos que focam apenas em capacidades de comunicação e interação social, sem as adaptações e ajustes necessários, não conseguirão identificar o potencial das pessoas neurodivergentes, impossibilitando, assim, que tais pessoas entrem no mercado de trabalho e construam uma carreira profissional. Entrevistas adaptadas, avaliações práticas, uso de linguagem clara, previsibilidade de todo o processo seletivo e espaços físicos confortáveis que observem as questões sensoriais são alguns exemplos que proporcionam a busca de equidade de oportunidades para as pessoas neurodivergentes.

A falta de acessibilidade nos processos seletivos pode ser caracterizada como uma violação de direitos?

A acessibilidade é um direito assegurado por convenções internacionais, legislações nacionais e diretrizes sobre

direitos humanos da maioria dos países. O artigo 27 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU, de 2006, ratificada pelo governo brasileiro junto às Nações Unidas em agosto de 2008, coloca que "Os Estados Partes reconhecem o direito das pessoas com deficiência ao trabalho, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas". Coloca ainda que os Estados devem "proibir a discriminação com base na deficiência com relação a todas as questões referentes a qualquer forma de emprego, incluindo condições de recrutamento, contratação e admissão". De forma mais direta, a Convenção cita que os Estados devem "assegurar que adaptações razoáveis sejam feitas para pessoas com deficiência no local de trabalho".

Negligenciar adaptações e ajustes nos processos seletivos para pessoas com todas as deficiências, nas quais, por exemplo, as pessoas autistas se enquadram, pode configurar-se como barreiras atitudinais e estru-

Marcelo Vitoriano

 @specialisterne_br
 Specialisterne-Brasil
 SpecialisterneBrasil
 specialisternebrasil.com

é psicólogo, especialista em terapia comportamental cognitiva em saúde mental, mestre em psicologia da saúde com experiência na gestão de programas de diversidade e inclusão em

empresas como Sodexo no Brasil. Há 4 anos faz parte do grupo de trabalho sobre Direitos Humanos nas empresas da rede brasileira do Pacto Global da ONU e é CEO da Specialisterne no Brasil,

organização social de origem dinamarquesa presente em 23 países, que atua na formação e inclusão de pessoas com autismo no mercado de trabalho.

turais, podendo, assim, caracterizar-se como uma forma de discriminação e dessa forma, uma violação de direitos. Mais que uma questão de falta de acesso, trata-se da necessidade de criação de uma governança que abranja acessos a todas as pessoas, independente de sua condição. Também se trata, em minha opinião, de uma responsabilidade ética por parte das empresas, bem como a mitigação de riscos reputacionais e legais. Ou seja, é estratégico.

Focar apenas no talento das pessoas neurodivergentes pode levar ao capacitismo?

O discurso que destaca apenas o "ta-

lento hiperfocado" de pessoas neurodivergentes, como suas habilidades matemáticas, hiperfoco ou criatividade e pensamento "fora da caixa", pode reforçar uma reduzida visão meritocrática. Obviamente, não podemos esquecer que as organizações sempre buscaram profissionais com habilidades técnicas e comportamentais, mas desde que todas as pessoas tenham equidade de oportunidades.

Conclusão

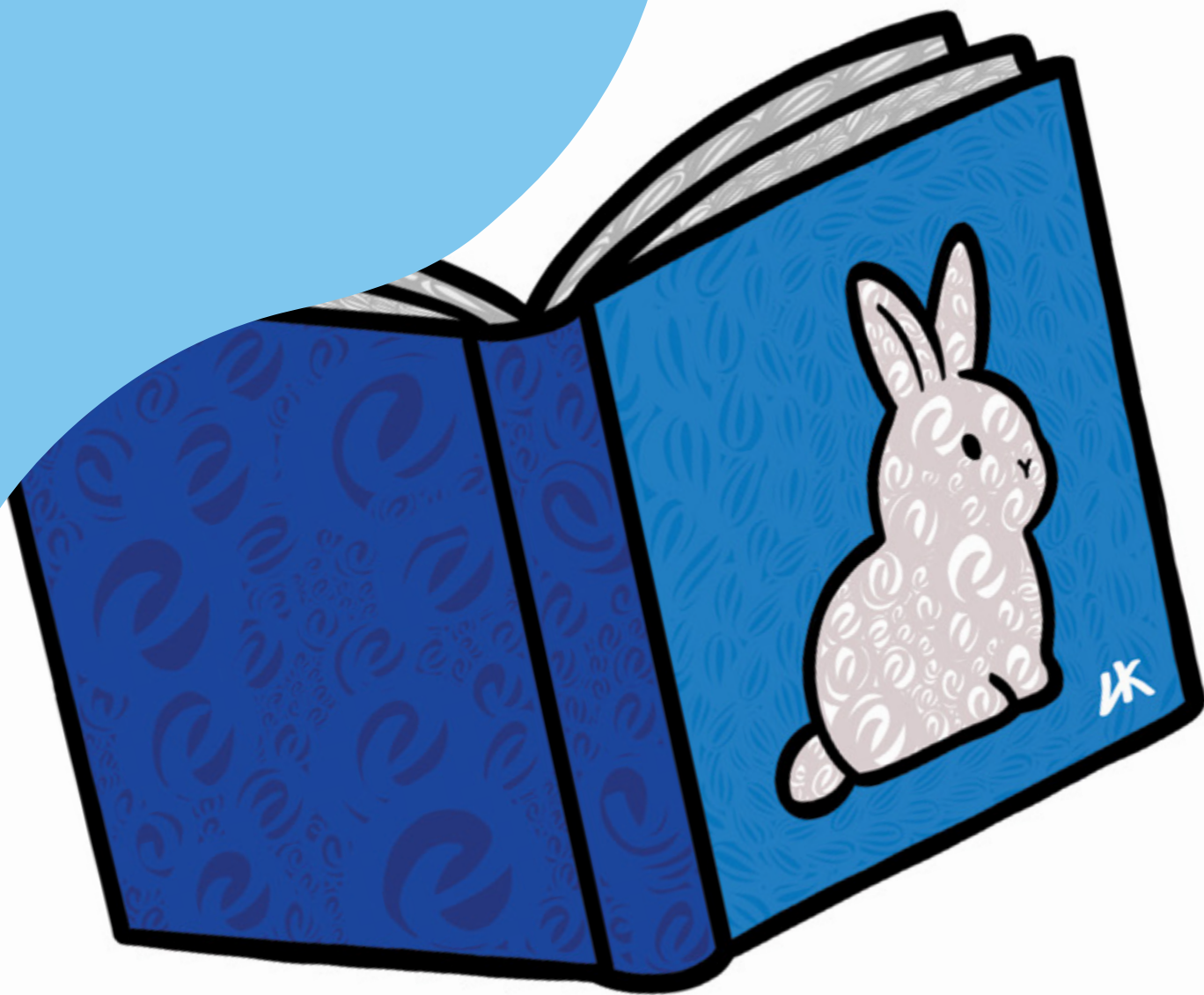
Incluir pessoas neurodivergentes não é apenas uma questão de obter novos talentos, mas também uma possibilidade efetiva de melhorar a governança das empresas, transformando-as positiva-

mente com uma cultura mais ética, íntegra, humanizada, solidária e inovadora, o que seguramente irá beneficiar todas as pessoas e os resultados das empresas. Sim, existe muito talento na neurodivergência, e poderíamos dar centenas de exemplos que vivenciamos aqui na Specialisterne e empresas parceiras, mas é vital lembrar, que, sem **acessibilidade**, todos estes talentos ficam invisíveis para a sociedade e quem perde somos todos nós e principalmente as empresas.





Tudo o que podemos ser



Por que eu escrevo livros infantis?

Texto por Nicolas Brito Sales

Ilustração
Lucas Ksenhuk



Nícolas Brito Sales

 @nicolasbritosalesoficial
 tudooqueeupossoser@gmail.com

tem 26 anos, é fotógrafo, palestrante e escritor. Desde 2011, juntamente com sua mãe, Nicolas percorre vários lugares para dar palestras sobre como é ser autista e estar inserido na sociedade. Em janeiro de 2016, Nicolas deu início, como freelancer, a seus trabalhos de fotógrafo, profissão

que ele pretende seguir. Em 2014, foi coautor do livro “TEA e inclusão escolar – um sonho mais que possível”. Em 2017, Nícolas lançou seu próprio livro, “Tudo o que eu posso ser”, no qual conta suas experiências, o que pensa e como vive em sociedade.

Esses dias uma pessoa me perguntou por que eu gosto de escrever livros infantis. A resposta é bem simples. Meu objetivo é passar mensagens que ajudem as crianças (e as pessoas adultas também) a se tornarem mais empáticas com os outros, não somente com pessoas atípicas, mas com as pessoas, no geral.

Geralmente, eu escrevo histórias infantis fazendo analogias, para que a criança veja com um olhar inocente, mas que, ao mesmo tempo, tenha sentido. Por exemplo, no caso da Ivana e a cura para o preconceito, meu primeiro livro infantil escrito em 2016, quem leu o livro sabe que eu retratei a Ivana como “uma coelha diferente dos outros 45 irmãos dela”, justamente para fazer uma analogia com uma pessoa com TEA.

E, além de tudo isso, meu objetivo é fazer livros físicos, para que as pessoas tenham mais prazer em ler e passem menos tempo nas telas digitais. Não estou dizendo que telas digitais causam autismo, tá, pessoal?! Pelo amor de Deus! (risos).

O que eu quero dizer é que é melhor que a gente se cuide e tente manejar o tempo de tela, até para evitar dores de cabeça ou coisas do tipo. No meu caso, por exemplo, às vezes percebo que estou muito

tempo na frente do celular ou do computador, então eu paro e vou fazer outra coisa, justamente para evitar uma dor de cabeça.

Resumindo, esse é o meu objetivo, fazer livros infantis para as crianças, sem envolvimento com tecnologia, porque os livros, no geral, são muito importantes no mundo. Eles são um dos pilares da educação no planeta Terra.

Não deixem os livros morrerem, pessoal!

E tem mais uma coisa que eu gosto muito quando escrevo, que é imaginar que a criança que está lendo vai se sentir acolhida. Que ela vai entender, mesmo sem entender tudo. Porque, às vezes, a gente não precisa explicar tudo com palavras difíceis e sim mostrar com o coração.

Tem gente que acha que livro infantil é só historinha boba. Mas, na verdade, é ali que a gente planta as sementes mais importantes: respeito, amizade, empatia, saber que o outro é diferente e que está tudo bem ser diferente.

Quando eu escrevo, eu penso em como eu gostaria que o mundo fosse comigo quando eu era menor. E aí eu tento colocar isso no papel. Um mundo que não grita, que não julga, que não cobra tanto da gente. Um

mundo mais leve, com mais escuta e menos pressa.

Eu também gosto da ideia de que um livro pode viajar. Ele pode ir de mão em mão, passar de irmão pra irmã, de filho pra pai, pra avó, pra primo. E ele continua ali, mesmo quando a bateria acaba. Mesmo quando a internet cai. O livro fica.

E, se um dia alguém lembrar de mim por causa de um livro que eu escrevi, já vai ter valido a pena. Não precisa ser fama, nem prêmio. Basta saber que, em algum lugar, alguém sorriu, pensou ou se emocionou com algo que saiu de dentro de mim.



Quer ajuda no seu dia a dia? O Genioo faz pra você.



SAIBA MAIS
app.tismoo.com.br

O Genioo é uma ferramenta de Inteligência Artificial que tem a capacidade de melhorar o dia a dia de autistas, familiares e pessoas que se relacionam com autismo, auxiliando você em questões práticas.

Já imaginou ter um assistente para cada assunto abaixo?



Professor Genioo



Doutor Genioo



Enfermeiro Genioo



Nutri Genioo



Psicólogo Genioo

